



ACCADEMIA DELLA FAMA: ATIVIDADE LITERÁRIA, PROJETO EDITORIAL E POLÍTICA NA
GÊNESE DOS DIÁLOGOS DA HISTÓRIA DE FRANCESCO PATRIZIS

Helvio Moraes¹

Resumo: Este artigo tem por objetivo o estudo do programa cultural elaborado em meados do século XVI pela *Accademia Veneziana* (ou *della Fama*, como veio a ser conhecida), assim como a influência deste ambiente intelectual nos escritos de juventude do filósofo ítalo-croata Francesco Patrizi da Cherso, relacionados à sua proposta de uma nova concepção de linguagem, que nos *Dez Diálogos da História* define como sua “empresa de toda a eloquência”. Patrocinado em grande parte pela intelectualidade vêneta-veneziana, tal programa visava a difusão de um conhecimento enciclopédico, ao mesmo tempo em que buscava uma ativa participação na vida política da *Serenissima*. Fornece-nos, portanto, um interessante exemplo da convergência das atividades literária, editorial e política, que nos permite vê-lo como uma defesa de pontos centrais do movimento humanista.

Palavras-chave: História Literária; política editorial; academia; humanismo

Riassunto: Questo articolo ha come scopo lo studio del programma culturale svolto alla metà del Cinquecento dalla *Accademia Veneziana* (o *della Fama*, come è venuta ad essere conosciuta), così come l’influenza di questo ambiente intellettuale sull’opera di gioventù del filosofo italo-croata Francesco Patrizi da Cherso, rispetto alla sua proposta di una nuova concezione del linguaggio, che nei *Dieci Dialoghi della Historia* l’autore definisce come la sua “impresa di tutta l’eloquenza”. Appoggiato in gran parte dalla intellettualità veneto-veneziana, tale programma mirava alla diffusione di una conoscenza enciclopedica, ed allo stesso tempo cercava una partecipazione attiva nella vita politica della *Serenissima*; ci fornisce, dunque, un interessante esempio della convergenza delle attività letteraria, editoriale e politica, che ci permette di vederlo come una difesa di punti chiave del movimento umanistico.

Parole chiave: Storia letteraria; politica editoriale; accademia; Umanesimo

Introdução

¹ Professor do departamento de Letras da Unemat, campus universitário de Pontes e Lacerda. Doutor em Teoria e História Literária. E-mail: helviomoraes.unemat@gmail.com

Os *Dez Diálogos da História* de Francesco Patrizi da Cherso, publicados em Veneza em 1560, podem ser vistos como a tentativa empreendida pelo filósofo de apontar os limites da concepção historiográfica humanista, desenvolvida ao longo do século XV até meados do século XVI, tanto em tratados de *ars historica* quanto em outros escritos que se relacionam com esse gênero. Primeiramente, percebemos uma crítica incisiva à zelosa filiação por parte dos humanistas às *auctoritates* (Cícero, Luciano e Quintiliano, principalmente), o que os havia possibilitado estabelecer um forte vínculo entre história, poesia e retórica. Grande importância havia sido atribuída aos *exempla*, e a história, em sentido geral, se definia como um vasto repertório de grandes feitos realizados por ilustres personagens, que, manipulados de forma adequada, serviam a várias finalidades, desde a glorificação de príncipes e cidades até a edificação moral do homem. Buscando abalar, portanto, o alicerce sobre o qual fora construída toda a historiografia precedente, Patrizi se esforça em propor uma nova concepção de história – e, conseqüentemente, uma outra forma de historiografia –, de forte inspiração neoplatônica, que prescreve a união entre conhecimento histórico e filosófico como instrumentos úteis para a finalidade última de toda comunidade política, a felicidade civil.

Desde *A Cidade Feliz*, seu primeiro escrito, cuja publicação data de 1553, o filósofo defende a ideia de que o conhecimento nasce a partir dos sentidos, e todo o programa de formação intelectual do cidadão de sua utopia tem por base disciplinas que agucem suas faculdades de ver e ouvir. É bastante coerente com tal proposta, portanto, a escolha da história como disciplina basilar para suas investigações posteriores, uma vez que se trata da “narração dos efeitos que caem sob a percepção dos sentidos” (Patrizi, 1560, p. 9r). A experiência histórica dá origem às artes e às ciências: é o que parece estar implícito no alargamento do exame da matéria histórica, promovido nos diálogos de abertura, assim como no mito da decadência do homem, proscrito de uma natureza que lhe garantia o vínculo perfeito com Deus e o mundo, e açulado pelo medo e pela necessidade de sobrevivência a buscar no convívio com outros homens a esperança de que tal vínculo se reestabeleça, criando as instituições que mantêm a vida civilizada.

A história consistiria nesta espécie de percurso para a reconquista da perfeição originária, e o conhecimento histórico – que não é somente conhecimento das experiências passadas, mas também compreensão do presente e consciência do futuro –, neste percurso, se torna um instrumento útil nas mãos daqueles a quem cabe conduzir sua comunidade política à felicidade. Não é possível ser feliz fora da cidade. Isto explica a atenção que Patrizi dispensa à análise das instituições cidadinas e a criação de uma cidade utópica que espelha a forma de governo e a organização social de Veneza, ou melhor, uma cidade utópica que espelha a “Veneza utópica”, secularmente celebrada nas inúmeras versões de seu mito. É função do conhecimento histórico ajudar a construir efetivamente o que foi apenas idealizado.

Se *A Cidade Feliz* desenha esta cidade ideal, nos *Diálogos* seus interlocutores transitam (ou pensam transitar) por ela, em cenários que simbolizam a excelência do viver associado: *San Marco*, o poderoso centro político-religioso; os jardins da casa de um nobre, onde se discute com liberdade e franqueza a realidade da vida política; a biblioteca de um

respeitado patricio veneziano, que reúne em si prudência e sabedoria e, por isso, dá lições sobre a boa condução dos assuntos relacionados à república, entre outros.

Muito apropriado, portanto, o pano de fundo diante do qual se debaterá sobre a utilidade política do conhecimento histórico, que, podemos dizer, ocupa a maior parte destes diálogos, onde também surge, aliada a esta defesa das instituições venezianas, a contribuição do pensamento político florentino. Se Maquiavel ensinara, principalmente, que, diante de uma visão cíclica da história (“do mundo maior”, Patrizi diria), que encontra seu análogo na história dos “corpos políticos”, é possível a intervenção humana capaz de “renová-los” através do “retorno às origens” de suas instituições públicas, Guicciardini, por sua vez, ensinará que é preciso “ver” com mais acume os acontecimentos históricos, como se produzem, como se “repetem”, as diversas relações entre suas causas e efeitos.

É neste ponto que observamos uma relação de complementaridade entre a concepção de mundo neoplatônica e esta “abordagem política”, que toma a maior parte dos *Diálogos*, e que Patrizi apresentará como a união entre conhecimento filosófico e histórico. Tal fusão dá a esta *ars historica* um perfil único entre os vários escritos que compõem o gênero. De fato, Patrizi empreende uma busca, não de todo conclusiva, por uma “filosofia da história”. Nos seus *Diálogos*, a *ars historica* postula seu próprio fim.

O período de formação intelectual de Francesco Patrizi

Os *Dialoghi della historia*, publicados em 1560, são obra de um jovem de espírito inquieto e indagador, não raras vezes às voltas com polêmicas, que se intensificarão ainda mais nos anos de maturidade². Ex-aluno do *Studio* paduano (1547-1553), onde estudou medicina instado pelo pai, desde cedo teve seu interesse despertado pela filosofia platônica, por intermédio de Marsilio Ficino, conforme se observa na passagem de uma carta que escreve a Baccio Valori em 12 de janeiro de 1587 (famosa entre os especialistas em sua obra, por ser uma espécie de autobiografia). Nela, percebemos que a insatisfação quanto ao ensinamento oficial da Universidade de Pádua, de orientação aristotélica, é compensada pela leitura do Platão ficiniano:

E assim, ouvindo um frade franciscano sustentar conclusões platônicas, delas se enamorou e, depois, tendo com ele feito amizade, pediu-lhe que o conduzisse pela via de Platão. [O frade] lhe propôs, como ótima guia, a *Teologia* de Ficino, à que se dedicou com grande avidez. E tal foi o princípio daquele estudo que, depois, sempre seguiu (Patrizi, 1975, p. 47).

Em 1551, logo após a morte do pai, abandona os estudos médicos, vendendo “Galeno e os outros livros de medicina” e dedicando-se, predominantemente, a partir daí,

² Perceberemos, nos *Dialoghi*, um anti-aristotelismo incipiente, em meio à refutação de tantas *authoritates*, que será mais incisivo na década seguinte, quando publicará suas *Discussiones peripateticæ*, uma leitura rigorosa do pensamento aristotélico, em que se busca demonstrar a discordância entre as ideias do estagirita e as de Platão, uma discordância que invade também o campo da biografia, em que, ao contrário do mestre, se “prova” que Aristóteles roubara as ideias de seus predecessores. Na década de 1580, famosa se tornará a polêmica em que defende a poesia de Ariosto contra o “aristotélico” Tasso, com base na sua concepção de poesia como manifestação cifrada da verdade universal, a que o poeta ascende por meio do furor.

à filosofia (idem).

Após alguns anos transcorridos em sua cidade natal, Cherso (Ístria), e certo tempo em Roma, já prestes a completar 30 anos, o filósofo se estabelece, por volta de 1557, em Veneza, um dos últimos refúgios para um tipo de intelectual de formação humanista que ainda busca uma colocação próxima ao poder.

O ambiente intelectual da cidade lagunar fervilha com a intensa atividade editorial que a transformara numa verdadeira república das letras, e ainda se mostra receptivo a ideias não facilmente acomodadas ao clima espiritual que começa a se estabelecer nos centros mais importantes da península, à medida que se aproxima a conclusão dos trabalhos do Concílio de Trento. Um ambiente receptivo, ao ponto de poder ser visto também como “clandestinamente tolerante”. Um bom exemplo pode ser o de dois editores de Patrizi: Pietro Perna e Andrea Arrivabene (este, de fato, o editor dos *Diálogos*). Perna, um exilado luquense na Basileia,

por meio de uma elaborada rede de conexões e de homens de confiança, conseguia enviar a Veneza escritos heréticos [...] apesar dos esforços das autoridades em proibir a entrada de certos títulos. O sistema – com seus correspondentes dispersos e com os estratagemas que Perna havia estabelecido – funcionou, e funcionou bem por mais de duas décadas. Uma vez que os títulos clandestinos transpunham os obstáculos da inspeção na alfândega veneziana, eram levados por um *insider* [...] para uma livraria que servia como depósito para os volumes contrabandeados. Um destes lugares era a livraria de Andrea Arrivabene, um editor bastante comprometido com a reforma religiosa. Já em meados da década de 1540 ele começara a fornecer escritos de fé protestante, [...] como o *Beneficio di Cristo* e o *Summario della Santa Scrittura* (Martin, 1993, p. 81).

Uma vez em Veneza, Patrizi entra em contato com a família Contarini, primeiramente lendo a *Ética a Nicômaco* a Giorgio II, futuro conde de Jaffa (e interlocutor de Patrizi no terceiro diálogo *Della historia*). Em dezembro de 1560, já investido do título de conde, Giorgio nomeia Patrizi governador de suas terras em Chipre. Em janeiro de 1561, Patrizi parte para a ilha, e lá permanecerá até 1568, transcorrendo os quatro primeiros anos a serviço dos Contarini, e os quatro últimos, por “instância de Filippo Mocenigo, então arcebispo de Chipre, como secretário e governador de todos os povoamentos submetidos ao arcebispado” (Patrizi, 1975, p. 49).

Portanto, os *Dialoghi della historia*, publicados no momento imediatamente anterior à sua partida, podem ser considerados, em boa parte, como resultado desta estada de quatro anos em Veneza ou, talvez, uma elaboração que comporta a experiência vivida neste breve período, que ainda é o da formação intelectual do autor. Por isto, além do contato com os Contarini e do trabalho que exerce a seu serviço, pode ser interessante investigar as relações que estabelece com outras pessoas ou instituições da *Serenissima*. E o vemos, de fato, envolvido num ambicioso projeto de renovação cultural e política que, num breve período, conseguiria atrair, não somente da aristocracia veneziana, como também de diver-

sas regiões da península, mentalidades esclarecidas, relativamente tolerantes (ou abertas) ao pensamento reformado, mas, acima de tudo, dispostas a difundir escritos vinculados a correntes filosóficas não muito convencionais, ou ainda carentes de uma divulgação mais ampla. Trata-se da *Accademia Veneziana*, ou *Accademia della Fama*, como passou a ser conhecida.

A *Accademia Veneziana* e seu projeto editorial

Desde sua fundação, em setembro de 1557³, a *Accademia della Fama* gozou de um grande reconhecimento, não só em Veneza, como em outros grandes centros, e tal admiração não se circunscreveu apenas a “redutos” ou círculos intelectuais “marginais”, mas se fez manifestar pelo Senado veneziano e até mesmo pelo Papado. Sua ascensão foi tão rápida quanto o seu fim, que coincidiu com a falência econômica e política de seu fundador, Federico Badoer⁴. Segundo Bolzoni (1981, p. 72-3)

Badoer havia iniciado muito jovem a carreira política, sem descuidar dos estudos retóricos e literários, merecendo, assim, os elogios, além do infalível Aretino, de literatos como Bembo, Claudio Tolomei, Daniele Barbaro. [...] Quando, em 1557, funda a *Accademia*, Badoer acaba de voltar de uma prestigiosa missão diplomática à corte imperial, que ele ilustra e habilmente exalta em uma longa relação ao Senado. Entre os seus mais estreitos colaboradores na fundação da *Accademia*, encontramos nomes significativos [...] como Domenico Venier e Girolamo Molino.

É provável, portanto, que, ao surgir, a *Accademia della Fama* tenha buscado tornar públicos certos debates que envolviam o grupo de intelectuais que se reunia informalmente no *palazzo* de Venier⁵ que, ao deixar o cargo de senador em 1546, devido a uma doença que o impossibilitava de locomover-se, o transformara numa espécie de salão literário, que sobreviveu ao fechamento da *Accademia* e somente se extinguiu com a morte de seu patrono em 1582. Este importante reduto de uma intelectualidade de aspirações aristocratizantes foi frequentado por nomes como Dionigi Atanagi, Giovanni della Casa, Sperone Speroni, Claudio Tolomei, Bernardo Tasso e seu filho ainda adolescente, Torquato. Frequente também era a presença de poetisas, destacando-se Veronica Franco, que o teve como amigo e patrono. Venier é visto como o sucessor de Bembo e uma figura central do petrarquismo de meados do *Cinquecento*. Vários poetas a ele recorreram em busca de aconselhamento, como Celio Magno e os próprios Tasso⁶. Bolzoni elenca uma série de

³ Embora, oficialmente, a fundação se dê através do *Instrumento tra alcuni academici et ministri Interessali*, datado de 14 de novembro (Cf. Pagan, 1974, p. 359-60).

⁴ Badoer (1519-1593) pertencia a uma das mais importantes famílias venezianas. Era filho do senador Alvise Badoer e destacou-se em suas funções como embaixador de Veneza, tendo sido publicadas algumas de suas relações, muito prestigiadas durante o período, não somente por seus méritos estéticos, mas também pela relevância dos assuntos tratados (como exemplo, podemos lembrar que sua viagem à Espanha se deu justamente nos últimos dias do governo de Carlos V). Patrizi dedica um poema a Badoer, *Il Badoaro*. Escrito entre 14 de setembro e 1º de outubro de 1558, o poema testifica a data de inscrição do jovem filósofo junto à *Accademia*.

⁵ Pagan (1974, p. 359) vê a *Accademia della Fama* como “uma natural germinação” dos encontros ali ocorridos.

⁶ Torquato Tasso o procura para que faça correções em seu primeiro poema, *Rinaldo*, que será publicado em 1562. Mais tarde busca novamente seu aconselhamento, durante a polêmica em torno de *Jerusalém Libertada* (Cf. Bolzoni, 1981, p. 74, n. 14).

escritos que comprovam a relação de amizade entre Federico Badoer, Domenico Venier e Girolamo Molino⁷, e alega ser indubitável que “Badoer, empenhando-se pessoalmente, deu a este “ginásio” [como Aretino denominava as reuniões em Ca’ Venier] uma dimensão e uma importância de uma ordem e grau completamente diversos, investindo plenamente [em seu projeto] tanto o seu prestígio político como os próprios recursos financeiros” (Bolzoni, 1981, p. 73).

De fato, é Girolamo Molino que, em nossa opinião, melhor expressa as ideias e os primeiros projetos da *Accademia*, numa carta que escreve a 22 de janeiro de 1558 a Bernardo Tasso que, neste mesmo ano, se muda para Veneza, tendo aceito o convite para assumir a chancelaria da instituição⁸:

A’ giorni passati s’è congregata insieme una nobile compagnia sotto titolo di *Accademia Veneziana*, di alcuni dotti e fioriti ingegni, avendo intenzione di giovare a’ Letterati e al mondo col metter le mani così nei libri di Filosofia, come di altre facultà, e non solo purgar quegli degl’infiniti errori e incorrezioni, che nel vero portano seco attorno con molto danno degli studiosi, ma farli insieme con molti utili annotazioni e discorsi, e scolii, e tradotti appresso in diverse lingue, uscire in luce nella più bella stampa e carta che si sia ancor veduta. Oltra di ciò intendono dar fuori opre nuove e non più stampate, sì per loro, come per altri composte, e già [...] essi ne hanno gran numero apparecchiato.

O primeiro propósito da *Accademia* era, portanto, realizar este amplo projeto editorial. O catálogo das obras⁹ que a instituição pretendia publicar nos permite delinear um quadro em que se percebe o alcance de tal programa, que se estende a várias correntes filosóficas e que se atenta às mais diversas disciplinas, tanto aquelas contidas num âmbito mais pragmático, como a mecânica e a hidráulica (cujo interesse por parte dos venezianos era evidente), quanto aquelas voltadas para a investigação científica e filosófica. Além disso, a relação abrange tanto textos antigos como modernos, havendo normas bem definidas para a publicação destes, principalmente¹⁰. Rose (1969, p. 204-5) nos mostra que praticamente um terço dos mais de trezentos títulos ali contidos se refere ao campo das ciências, como a física (comentários sobre a *Física* de Aristóteles, tradução em “volgare” do *Timeu*, etc.), a medicina (Hipócrates e Galeno), a geometria (Euclides e Arquimedes, principalmente), a perspectiva (Ptolomeu, Roger Bacon, etc), a geografia (Estrabão e Ptolomeu), entre outras.

No campo da filosofia, que nos interessa mais de perto, podemos detectar uma forte

⁷ A estudiosa menciona uma carta de Aretino, um diálogo dos *Marmi* de Anton Francesco Doni e os *Diparti* de Girolamo Parabosco como fontes que comprovam a estreita ligação destes três intelectuais (Bolzoni, 1980, p. 119-20).

⁸ O trecho da carta a que tivemos acesso encontra-se em Tiraboschi (1823, vol. X, tomo VII, p. 253-4).

⁹ *Somma delle opere che in tutte le scienze et arti più nobili che in varie lingue ha da mandare in luce l’Accademia Veneziana, parte nuove e non più stampate, parte con fedelissime traduzioni, giudiziose correzioni et utilissime annotazioni riformate*, publicada primeiramente em “volgare” em 1558 e, no ano seguinte, em latim, para ser enviada aos mais importantes centros intelectuais da Europa, uma espécie de propaganda do ousado projeto editorial assumido pela *Accademia*.

¹⁰ Nos *Capitoli e conventioni fatte e sottoscritte di propria mano da alcuni de’ Signori academici*, de 13 de agosto de 1559, lemos, entre tantas prescrições: “che tutti gli Signori Academici siano tenuti à consigliar, favorir, e aiutar con ogni possibil effetto l’opera che sarà proposta da qual si voglia de l’Accademia”; “che tutte le opere, che da esser stampate saranno, tutte passino per lo giudizio di tutti gli consigli cioè de le scienza dell’iconomico e del Politico” (grifo nosso). Os *Capitoli* foram integralmente publicados no texto de Rose (1969, p. 222-4).

tendência a difundir escritos de teor neoplatônico e hermético. Na verdade, a propagação destas linhas filosóficas “não oficiais”, isto é, que não encontram espaço nos *curricula* das universidades, é frequentemente associada ao surgimento das academias no *Cinquecento*¹¹. Havia a intenção de publicar a tradução em vernáculo da *Teologia platonica* de Ficino que “deveria ser acompanhada da versão italiana de *De harmonia mundi* do teólogo cabalista veneziano Francesco Zorzi (Francesco Giorgio Veneto), [...] uma profunda influência em diversos ambientes intelectuais e religiosos não apenas venezianos, mas italianos e europeus” (Vasoli, 1983, p. 452-3). Além destes textos, consta da relação a preparação de versões latinas de Lâmblico e Proclo e, talvez mais interessante, a tradução latina, acompanhada de comentários, do *Pimandro* e do *Asclépio*, que compõem o núcleo do *Corpus hermeticum*.

Não era estranha, portanto, aos membros da *Accademia*, a crença numa *prisca sapientia*, que transforma a antiguidade egípcia no berço de todo o conhecimento filosófico e da verdadeira experiência religiosa que, posteriormente, transmitir-se-ão de forma cifrada por meio de “espíritos eleitos”, como Hermes Trismegisto, Pitágoras e Platão (Aristóteles não faz parte do rol destes sábios). Justamente no momento em que a *Poética* solidamente se constitui como parâmetro para a exegese da criação poética, a leitura proposta pelos acadêmicos (da qual teremos um exemplo na obra de Celio Magno) se pauta nesta chave interpretativa de uma sabedoria reencontrada. A poesia guarda este conhecimento antigo e, por isto, está acima de, e abraça, todos os demais campos do conhecimento, expressando a linguagem divina transmitida por meio do poeta, que a ela acede tomado pelo furor¹². Veremos como estas noções compõem a base sobre a qual Patrizi desenvolverá suas formulações acerca da história. Vasoli (1983, p. 452), de fato, afirma que esta linha neoplatônico-hermética fundamenta todo o projeto editorial da *Accademia*, uma espécie de “‘filosofia’ unificadora” para a “rica escolha de textos”. Bolzoni (1981, p. 83-4) não compactua com esta ideia, pois, em sua opinião,

Uma complexidade de propósitos, além de posições, me parece [...] caracterizar o clima cultural da *Accademia*. De resto, mesmo as suas escolhas editoriais não parecem remeter-se a um único filão, aristotélico, platônico ou neoplatônico. Por exemplo, encontramos, entre os livros publicados, alguns comentários a textos aristotélicos; entre as obras previstas, o *volgarizzamento* do *Timeu* de Platão [...]

¹¹ A este respeito, Battistini e Raimondi (1984, p. 70) vêem a academia como “uma instituição humanística que surge da necessidade de suprir o vazio deixado pela ausência de uma política da cultura ou de um trabalho produtivo que não seja somente aquele epidítico do cortesão. Os intelectuais que, fora da universidade, sentem a necessidade de se conhecerem e se reunirem, de estar juntos para buscar num espaço neutro uma identidade perdida de sujeitos autônomos, livres, ao menos aparentemente, dos vínculos do poder político e religioso, formam uma livre agregação de iguais dentro de uma esfera subtraída ao arbítrio das relações cotidianas, com a finalidade de reconstruir um estado ideal que bem cedo se torna uma hipótese normativa, praxe comum da classe culta”.

¹² Há referências, na *Somma delle Opere*, a edições de textos que prometem ser leituras de poetas como Petrarca, Dante e Ariosto, tendo como base um novo método, que é justamente este de, por meio da decodificação da linguagem e estrutura do poema, revelar-lhe os sentidos ocultos que se remetem à *prisca sapientia*. Bolzoni, num estudo mais recente, nos fornece o exemplo de um texto não publicado de Giacomo Tiepolo, mas escrito no âmbito das discussões da *Accademia* e dedicado a Badoer. Trata-se de *Il primo discorso sopra il Dante poeta*, em que “os versos iniciais da *Divina Comédia* tornam-se o pretexto para a construção de um mosaico de temas neoplatônicos, herméticos e cabalistas. A *selva oscura* de Dante, por exemplo, é interpretada como o caos (ou a primeira matéria). As árvores do Paraíso terreno, contudo, são “as árvores que conservam os frutos de ideias eternas e ilustres”. [...] Assim, o texto poético oferece um meio de se penetrar num mundo de verdades internas que o homem pode encontrar nas profundezas de seu próprio ser” (Bolzoni, 2001, p. 9).

De qualquer forma, ainda que seja provável encontrar uma espécie de sincretismo filosófico no interior da instituição, nos parece muito certo que esta se veja como continuadora – ou promotora – de ideias elaboradas pela *Accademia Platonica* de Ficino e das quais Patrizi, dentre todos os seus colegas acadêmicos, será o maior porta-voz.

Outro ponto salientado por alguns estudiosos é o caráter enciclopédico deste programa editorial¹³, o que os leva a relacioná-lo à iniciativa de uma outra academia que surgira no início do século XVI: a *Neoaccademia*, ou, como se tornou mais conhecida, a *Accademia Aldina*, com relação ao nome de seu fundador, Aldo Manuzio¹⁴. Um aspecto que as difere – embora tenhamos que levar em conta o intervalo de tempo entre suas atividades, além de diversos motivos que alteram a política editorial em Veneza –, é que a empresa de Manuzio teve, como proposta, colocar em circulação uma grande quantidade de textos clássicos, tanto gregos como latinos. Com o advento da *Accademia Veneziana*, grande ênfase será dada ao *volgarizzamento* de textos antigos e contemporâneos, assim como aos seus comentários.

Neste sentido, não podemos deixar de pensar na figura de Sperone Speroni. Acima, fizemos referência a suas visitas ao salão de Venier, quando de suas estadas em Veneza. Speroni foi a figura central da *Accademia degli Infiammati*¹⁵, fundada em Pádua em 1540 e extinta pouco mais de dez anos depois. Dentre seus frequentadores, se destacam nomes como Alessandro Piccolomini, Benedetto Varchi, Bernardino Tomitano, Daniele Barbaro, entre outros. Segundo Vasoli (1983, p. 438),

os *Infiammati* não se limitavam a ler e comentar Homero e Teócrito, Horácio e Virgílio, ou a propor para si mesmos aqueles temas relacionados à teoria da poesia e à expressão literária que foram tão típicos da madura cultura *cinquecentesca* italiana e européia; porque na *Accademia* eram tidas discussões sobre argumentos filosóficos e até mesmo teológicos, frequentemente sustentadas em vernáculo e com particular alusão ao problema do uso científico desta língua [...]

Com Speroni, a *Accademia degli Infiammati* teve um papel de grande relevância na difusão do pensamento aristotélico em *volgare*, nos moldes propostos por Pomponazzi, de quem foi discípulo. Tendo sido o uso da língua vernácula tema de alguns de seus diálogos¹⁶, é bastante provável que as ideias que sustentava tenham circulado entre os frequentadores de Ca' Venier. Ao traduzir os debates que ali se encenavam em programa cultural, os acadêmicos *della Fama* assumiram uma tarefa semelhante à dos *Infiammati*, embora em

¹³ Ver Rose (1969, p. 191); Vasoli (1983, p. 434) insiste sobre a conexão entre a instituição acadêmica e tendências enciclopédicas em alguns modelos que analisa em seu estudo, fazendo remontar sua origem à academia de Manuzio; Bolzoni (1980, p. 142-3), ao analisar a *Somma delle opere*, indica como o tema da completude está relacionado à noção de enciclopedismo, seja na forma de se organizar, em forma de catálogo e em ordem alfabética, o vasto repertório de escritos voltados a um determinado tema, seja numa forma de maior apelo visual, como as famosas “árvores” universais e particulares (influência da obra de Giulio Camillo Delminio) que, pela exposição esquemática do conteúdo, cumpre melhor sua função didática; em outro estudo (Bolzoni, 1981, p. 74), a estudiosa percebe que a própria organização interna da *Accademia* fornece as bases para sua concepção enciclopédica do saber.

¹⁴ Para uma noção do funcionamento, na prática, do programa editorial da *Accademia Aldina* (assim como do trabalho conjunto de Erasmo de Roterdã e Manuzio) é interessante a leitura do capítulo “Aldo Manuzio, Livreiro”, em Satué (2000, p. 143-172).

¹⁵ O estudo mais completo que encontramos sobre a *Accademia degli Infiammati* encontra-se em Vasoli (1983, p. 437-43).

¹⁶ É um dos temas centrais de seu *Dialogo della Istoria* (1542), sobre o qual falaremos adiante. Porém, no *Dialogo delle lingue* (1542), é o próprio Pomponazzi quem fará a defesa da língua vernácula.

chave neoplatônica e hermética, principalmente.

Promovida, portanto, em grande parte, pela própria intelectualidade aristocrática veneziana, de tal tarefa não se excluem fortes intenções de ação política. Embora seja bastante provável que o jovem e ambicioso Badoer já ansiasse pelo ingresso da *Accademia* nas questões do Estado, este propósito torna-se mais claro somente num segundo momento, em que surgem suas primeiras publicações, conduzidas “com empenho e experiência por Paolo Manuzio¹⁷, ainda que a vastidão e a amplitude das metas prefixadas não resistam à comparação com as efetivas realizações” (Pagan, 1974, p. 366).

Pagan pode estar se referindo ao exíguo número de títulos publicados, algo em torno de quarenta¹⁸, face aos mais de trezentos propostos. Pode ser que se refira, por outro lado, à aparente falta de uma diretriz quanto à prioridade das publicações que, contudo, parecem ter sido dadas ao prelo obedecendo a um fator extrínseco de seu programa editorial, que era captar a simpatia de um nome (ou grupo) ilustre. De fato, há por detrás das obras efetivamente publicadas, uma astuciosa política em busca de patronagem e divulgação do nome da instituição, que se baseava na escolha meticulosa de seus dedicatários. Rose (1969, p. 207-8) nos comprova o êxito desta estratégia, pelas cartas elogiosas recebidas do duque de Sabóia, de alguns proeminentes cardeais (das casas d’Este e Gonzaga, por exemplo) e, por fim, pela admiração de três papas: Paulo IV (Gian Pietro Carafa), Pio IV¹⁹ (Giovanni de’ Medici) e Pio V, que elogiara, numa carta, as atividades da *Accademia*, enquanto ainda era o cardeal Ghislieri.

A inserção da *Accademia Veneziana* na vida política da *Serenissima*

A esta “política de divulgação” externa corresponde uma não menos arrojada tentativa de participação bastante ativa na vida pública veneziana, das mais diversas formas. Já em 1558 (e aqui percebemos que o projeto inicial, sobre o qual Molino fizera menção a Tasso, começa a ganhar dimensões mais amplas), a *Accademia* propõe à *Signoria* veneziana que lhe conceda a incumbência de várias missões oficiais, sendo uma delas uma espécie de revisão das “*Historie di questo serenissimo Stato bisognoso di miglioramento [...] e tutte insieme orditanatamente congiungerle*”²⁰, o que podemos interpretar como uma reescritura da história da república. Além disto, a academia anseia se tornar o órgão oficial para a divulgação das leis sancionadas. De fato, uma cópia da *Somma delle Opere*, finamente preparada por Paolo Manuzio, é enviada ao doge Girolamo Priuli e tem uma excelente acolhida. Em maio de 1560, o Conselho dos Dez concede à *Accademia* o direito exclusivo de publicar os decretos da república. Interessante também é a proposta de formação do corpo administrativo e diplomático a serviço da *Signoria*, por meio de aulas públicas, o que nos faz pensar numa radical ampliação das discussões diárias tidas entre os acadêmicos e vinculadas aos mais diversos assuntos. Estas reuniões, obviamente, tenderiam a sair do

¹⁷ Filho de Aldo Manuzio e membro da *Accademia Veneziana*. É também um dos interlocutores do *Dialogo della Istoria* de Speroni, como veremos.

¹⁸ Cf. Rose (1969, p. 207).

¹⁹ Pio IV incentiva em Roma a criação de uma academia nos moldes da *Veneziana*: a *Accademia Notti Vaticane*, fundada por Carlo Borromeo, mas dirigida por dois ex-participantes daquela: o cardeal Bernardo Navagero e seu sobrinho, Agostino Valier (que será o interlocutor de Patrizi no oitavo dos *Dialoghi della historia*).

²⁰ In Pagan (1974, p. 366).

espaço circunscrito do *palazzo* de Badoer (sede da *Accademia*) e “ganhariam” a cidade, atraindo um público maior (embora mais heterogêneo).

À medida que aumenta o número de seus membros (em seu auge, a *Accademia* contará com cerca de cem nomes), mais abrangente se torna o plano de Badoer de intensificar sua relação com importantes centros intelectuais europeus²¹ e de relacionar o nome da instituição (e, conseqüentemente, o seu) ao da república. Até mesmo a estrutura como se organiza a academia se assemelha à das instituições públicas venezianas²². Obviamente, há um grande cuidado, por parte de Badoer, em traçar as linhas gerais por meio das quais ela funcionará. Contudo, poderes são delegados, e os diversos campos do conhecimento terão um lugar próprio, as *stanze* (já que diversos cômodos do *palazzo* eram destinados exclusivamente ao funcionamento da academia), cada uma ocupada e hierarquicamente gerida por membros afins àquela determinada disciplina. Há um momento em que as discussões e os interesses tornam-se comuns e, de fato, existem as reuniões diárias que são realizadas para debater os mais diversos assuntos²³. Por fim, o elemento mais “democrático” da instituição está ligado à política editorial, de que já falamos: nada se publicava sem o consentimento de todos os acadêmicos²⁴.

A breve duração do projeto de Badoer

É notável, porém, a abertura concedida pelas instituições políticas venezianas a um projeto tão ambicioso e particular como o de Badoer, ainda mais se levarmos em conta o quão zelosas se mostram as instâncias de poder em evitar que se dispense privilégios excessivamente a qualquer cidadão isoladamente. Em outro momento²⁵, analisamos uma componente do mito de Veneza – mas que, acreditamos, tenha sido uma forte marca da vida política da cidade –, que, podemos dizer, se define pela adoção de princípios que regulam a distribuição de cargos e honrarias, de modo a conservar relativamente homogênea a classe que acede ao poder.

O próprio Patrizi, em seu primeiro escrito, *La città Felice*, constrói sua ‘classe senhoril’ atendo-se a esta noção. Há uma absoluta interdição à elevação daqueles que

²¹ A *Accademia* mantém, principalmente, boas relações com intelectuais alemães e chega a enviar alguns títulos à feira de Frankfurt. Contudo, esta abertura às vias mais importantes do comércio livreiro rapidamente encontrará percalços. Veneza, é sabido, consegue defender sua posição (ou manter sua imagem) de território neutro, ou de mediadora, durante a crise religiosa e política do *Cinquecento*. Porém, esta posição tende a se debilitar nos últimos anos do Concílio e, no que diz respeito ao mercado editorial, as pressões de Roma se fazem sentir cada vez mais, e vários títulos que eram de interesse de homens de pensamento reformado terminam por desaparecer das prensas das oficinas. Bolzoni (1980, p. 163-6) analisa uma carta anônima (provavelmente escrita por Pier Paolo Vergerio) em que, de forma muito lúcida, são expostas as incompatibilidades entre duas atitudes mentais que agora se confrontam. A estudiosa nos afirma que, para o autor da carta, “os acadêmicos têm diante de si apenas dois caminhos praticáveis, igualmente inaceitáveis: o humanismo paganizante, que desnaturaliza o cristianismo, ou a violência anti-reformista da Inquisição” (Bolzoni, 1980, p. 164).

²² Benzoni (1978, p. 194-5; 2001, p. 87), em seus riquíssimos estudos sobre as academias italianas entre meados do século XVI e meados do XVII, tende a relacionar o fenômeno “academia” a uma imagem idealizada da corte. Acreditamos, contudo, que a *Accademia Veneziana* pretenda celebrar as instituições políticas da cidade a partir de sua estrutura e nas atividades às quais se dedica. O próprio Benzoni (2001, p. 90), ao analisar uma academia dos anos 40, a *Accademia dei Pellegrini*, observa o peso das instituições venezianas em seu funcionamento: “parece quase uma involuntária paródia da consolidada praxis diplomática da *Serenissima*”.

²³ A periodicidade das reuniões é um dos pontos que diferenciam a *Accademia Veneziana* da grande maioria das academias no período, e nos permite vê-la como uma instituição de intensa atividade intelectual. Segundo Benzoni (2001, p. 84), normalmente, as academias na Itália tinham reuniões semanais ou quinzenais.

²⁴ A estrutura da *Accademia Veneziana* é claramente exposta por Michele Maylender (1930, p. 441-3), ao reeditar o *Istrumento di deputazione sull'ordinamento dell'Accademia Venetiana*, escrito por Badoer em 1560, quando teve que se ausentar de Veneza por motivo de uma missão oficial.

²⁵ Ver Moraes (2005, p. 53-6).

se mostrarem precocemente aptos ao governo, pois, nas palavras do filósofo, “da prudência, parte vem da natureza e parte da experiência” (Patrizi, 2004, p. 117). Isto quer dizer que, mesmo que algum cidadão dê sinais, já na juventude, por suas qualidades naturais, de vir a ser um bom governante, o domínio total das virtudes que lhe são exigidas somente lhe ocorre numa idade *provecta*, sendo, por esta razão, impedido de governar. Devido a isto, os jovens, primeiramente, hão de “ser governados, a fim de que primeiro aprendam a ser regidos estes que hão de reger a outros” (idem). É preciso que haja tempo suficiente para que se complete uma espécie de processo formador que vai – concomitante ao aprendizado e interiorização graduais dos fundamentos mais estimados da república –, eliminando os indícios de uma potencial abertura ao desenvolvimento de uma personalidade mais desabrida.

O maior exemplo pode nos ser dado pela imagem do doge, como aquele que se destaca por melhor personificar os ideais de sua cidade, o que nos possibilita ver contemplada a noção de *unanimitas*, postulada por King (1986, p. 92): “a convergência de uma diversidade de necessidades e aspirações em um único anseio”. O equilíbrio desta imagem se efetiva por meio da restrição da liberdade individual, ou, talvez, numa noção de liberdade em que ser livre signifique ter à mão todos os requisitos para servir à república, pois tal noção é motivo de louvor entre os venezianos, que a vêem como um dos fundamentos de sua cidade. A ascensão de um indivíduo a um posto honorífico como o dogado, depende exclusivamente de seus méritos pessoais, que consistem na condição de ele ter internalizado, da maneira mais profunda, as aspirações da coletividade.

O caso de Badoer, portanto, é intrigante, ainda mais quando levamos em consideração alguns fatos ocorridos em 1560. Em julho, Badoer requer a transferência da *Accademia* de seu *palazzo* para o *Vestibolo* da Biblioteca Marciana²⁶, cujo teto havia sido recentemente pintado por Tiziano. A resposta dos Procuradores de San Marco é imediata:

[...] considerata la supp.ne [súplica] et offerte del Nobelhomo S. Federigo Badoer, Fondator della Accademia Venetiana, et essendo la sua intentione et le operationi sue degne de esser favorite per el beneficio et ornamento che ne riceverà il publico et particolarmente la nobiltà, [...] terminando tutti unanimi hanno terminato che per questa cosi virtuosa impresa li sia a beneplácito di sue Cl.e e S.e conceduto il vestibolo nel qual possa farsi le congregationi di tanti litterati huomeni con quei virtuosi modo che sonno fin’hora stati fatti et cosi comando che fosse annotato²⁷.

Outro ponto interessante da *Supplica* é a afirmação de Badoer de que

havendo ad essa academia con la voluntà del Seren.mo Principe li Clariss. mi Sig.ri Proveditori supra le fabriche del palazzo fatto una terminatione in scrittura, che da essa sia fatto uno aparato di quelle inventioni di pitture da

²⁶ Cf. Bolzoni (1980, p. 154), o *Vestibolo* era, na época, “‘Sala di lettori’”, isto é, uma sala para conferências, lugar de formação para os jovens patrícios venezianos.”

²⁷ A decisão dos Procuradores, assim como a petição de Badoer foram editadas na íntegra, como apêndice do estudo de Rose (1969, p. 228-234; o trecho citado está à p. 234).

esser poste nel luogo inanzi le porte dell'Ill.mo Collegio e Senato, Cons.o di X, e la Cancellaria, et datole il carico parimente ch'ella dovesse parimente far elletione del pittore, ha risoluto in scrittura la più bella inventione et di maggior ornamento a questo Seren.mo stato ch'altra fosse mai fatta, non pur in questa città, ma in ogni altra del mondo, considerata la materia appartenente a significar la prova del reggere Christianamente, virtuosamente con sicurtà e splendor un stato (ibidem, p. 230).

Como se percebe, a influência de Badoer atinge seu ponto culminante nestes meados de 1560, momento em que Patrizi publica os *Dialoghi*. Porta-voz de um grupo já numeroso de intelectuais, políticos e patrícios venezianos, Badoer parece ter conseguido dobrar os interesses da *Serenissima* aos seus próprios interesses ou, pelo menos, fazê-los coincidirem. Impossível não pensar que fora construída toda uma trajetória com vistas ao dogado e de que, neste ponto, tal anseio podia estar prestes a se efetivar.

Não deixa de surpreender, portanto, a constatação da perda progressiva e cada vez mais rápida de todas as conquistas alcançadas pela *Accademia*. Apostolo Zeno, mais de um século depois, afirmará que “l’idea di questa accademia era nobile e da sovrano, cominciò con molto strepito e salí a passi da gigante in alta reputatione”²⁸. Luca Contile, um de seus mais ativos participantes, envolto em certo mistério, prevê seu fim ainda a 4 de fevereiro de 1560: “Si è ritrovato Messer Federico Baduaro aver fatto sotto il nome di questa honoratissima adunanza, cosa che gli torrà per giustizia l’honore, et forse la vita”²⁹.

A afirmação de Zeno é interessante, pois comprova que a *Accademia* continuou a gozar de certa reputação mesmo depois de o Senado ordenar seu fechamento, em 19 de agosto de 1561, e até mesmo proibir que fosse feita qualquer alusão ao seu nome em documentos oficiais³⁰. Por outro lado, a de Contile nos confirma uma componente ousada no plano de Badoer, e que os riscos tomados comprometiam tudo o que já havia sido construído no momento mesmo em que os êxitos do programa alcançavam seu auge.

A causa mais aventada para o colapso da academia refere-se às avultadas dívidas contraídas por Badoer em nome da instituição. Rose (1969, p. 212-4) nos oferece detalhes do montante aplicado para o seu pleno funcionamento e as cifras são admiráveis. Badoer jamais se abstinha de pagar o melhor que podia àqueles que se dedicavam à academia, assim como grande era a preocupação quanto a todas as etapas da editoração dos livros, como percebemos nos documentos que regem as atividades ali desenvolvidas, mas também nas petições feitas ao governo veneziano. Um dos “préstimos” postos à disposição da república pela *Accademia* era receber as visitas ilustres que ali iam ter. Isto também nos ajuda a formar uma ideia do quanto Badoer estava disposto a despender para alcançar o mais elevado reconhecimento para si e para a corporação que liderava.

Não há dúvida de que a bancarrota sofrida pelo nobre veneziano tenha sido muito grave e, em muitos casos, constrangedora para o poder público veneziano, visto que a

²⁸ Zeno apud Benzoni (1978, p. 194-5).

²⁹ Contile apud Bolzoni (1981, p. 86).

³⁰ Rose (1969, p. 214) nos afirma que o “voto do Senado foi unânime (138 a favor, 0 contra, 0 abstenções): “o título de *Accademia Venetiana* está proibido, e nenhum outro nome público poderá ser usado para projetos pessoais” (grifo nosso). Francesco Sansovino publica, ainda em 1561, *Cose notabili che sono in Venetia*, e nenhuma referência é feita à *Accademia Veneziana* (cf. Bolzoni, 1981, p. 86-7).

Accademia portava consigo o nome da cidade e, talvez, possa ter sido vista como uma instituição oficial do Estado, nos mesmos moldes que a *Accademia Fiorentina* havia sido incorporada ao programa político mediceu. Na verdade, esta parecia ser a tendência, caso fossem contornados tais imprevistos.

Contudo, a imagem de Badoer era por demais influente e seu projeto já havia conquistado o apoio e a proteção de vários centros intelectuais, tanto na Itália quanto em outros países. Nem todos os estudiosos parecem concordar, uma vez que não se aprofundam neste aspecto do problema, mas há um viés político, em nada irrelevante, para a condenação de Badoer à prisão (inclusive com o uso da tortura, se se fizesse necessário) e o tratamento tão rígido em relação à *Accademia* (e, como deduzimos, a quaisquer outros programas que pudessem surgir de forma semelhante).

Acreditamos que os triunfos pessoais de seu patrono, assim como seu crescente prestígio e influência possam ter incomodado (ou surpreendido) alguns venezianos zelosos em manter uma certa homogeneidade na concessão de privilégios aos cidadãos mais insígnies, como já dissemos anteriormente.

Porém, outro fator que não pode ser ignorado é o significado e a abrangência do programa cultural sustentado pela *Accademia*. Ele surge ainda no momento em que o ideal humanista de uma república de homens eruditos, acima de restrições político-geográficas ou religiosas, ainda se mostra possível (ou crível) num ambiente pouco receptivo às crescentes pressões de Roma. Dizendo de outra forma, retomando alguns pressupostos defendidos por Bouwsma, Veneza jamais cede a preeminência de sua liberdade política aos rigores impostos pela Igreja num período de crise religiosa. Esta defesa de sua liberdade se mantém, até certo ponto, no campo da cultura. Porém, como Bouwsma mesmo afirma, é com o círculo intelectual de Patrizi que Veneza começa “a fazer parte do mundo temporal” (Bouwsma, 1984, p. 164), e se torna cada vez mais debilitada aquela imagem idealizada que seu mito proporciona.

A *Accademia* é, portanto, num momento, defensora de um certo ideal irenista de unificação do saber e do livre convívio intelectual a nível europeu, tendo que afrontar, num momento imediatamente posterior, a realidade que se instaura a partir da cisão religiosa. Parece não haver conciliação possível e, se os acadêmicos sonham com o mundo reformado como espaço de diálogo e, em termos mais práticos, o mercado editorial alemão como meio de difusão de suas ideias, basta uma carta vinda do exterior, contestando-lhes o caráter ecumênico de seu programa e negando-lhes abertura em certos campos (teologia e política, principalmente), para alertá-los de que há muita veleidade em suas aspirações.

O cenário em Veneza, com o passar do tempo, tampouco se mostra auspicioso. Num momento em que a Igreja da Contra-Reforma começa a insurgir-se mais fortemente contra seus opositores, às vésperas da primeira lista do *Index* (1559) e pouco antes da decisiva reunião do Concílio de Trento (1562-3), a *Accademia* conserva uma atmosfera de significativa tolerância religiosa, abrigando ou mantendo vínculos com vários intelectuais de pensamento não ortodoxo³¹. Contudo, não basta que a academia cultive a tolerância

³¹ Cf. Rinaldi (2001, p. 13), “A orientação religiosa dos intelectuais vênéticos que se reuniam em torno desta *Accademia* era aberta às ideias da Reforma: entre os seus membros figuravam, de fato, Bernardo Tasso, uma vez secretário de Renata da França quando de sua permanência na

dentro de seus muros, se ela, cada vez mais raramente, encontra eco na vida pública, ainda mais quando a atuação na esfera pública faz parte de seu programa. Como afirma Benzoni (1978, p. 195),

a falência do incauto promotor foi, também, uma derrota eloquente para as remanescentes ilusões quanto a uma cultura autônoma, voltada, ao mesmo tempo, à projeção da própria sapiência no ambiente circunstante. [...] Nada de semelhante será tentado novamente, nem em Veneza, nem na Itália.

A asserção de Benzoni coloca uma questão importante para nossa análise. Tendo inserido quase que por completo a instituição “academia” no ambiente intelectual que se instaura com o advento do pensamento contra-reformista, a noção que formula é a de um tipo de associação à margem do poder, caracterizado, sobretudo, por uma eloquência vazia, pela estagnação intelectual. A atitude do acadêmico é a de conformação ao mundo, e não de confronto, insatisfação e, conseqüentemente, de sugestão de mudanças. Sem uma colocação junto às instâncias do poder, o homem culto se congrega com seus pares, como forma de evitar o ócio, num trabalho que, todavia, resulta inútil.

Como vimos, o caso da *Accademia Veneziana* dificilmente se adéqua a esta imagem. Sua breve existência se situa num momento em que um novo quadro histórico rapidamente se compõe. Surge como a expressão de um ideal humanista universalizante, tanto em sua concepção de homem quanto na organização de um saber enciclopédico, e se encerra quando este ideal agoniza. Portanto, não se “conforma” a este quadro, antes, se esfacela quando ainda estão sendo traçadas suas linhas gerais e, por isto, deve ser tratado como um caso particular.

Francesco Patrizi e a *Accademia Veneziana*

É provável que a inscrição de Patrizi junto à *Accademia* tenha se dado por volta de outubro de 1558. Em agosto de 1559, seu nome constava da lista de signatários dos *Capitoli e conventioni fatte e sottoscritte di propria mano da alcuni de' signori academici*, mas não do *Instrumento di deputatione, & c. di Federico Badoero*, assinado em dezembro de 1560. De qualquer forma, sabemos que nesta data Patrizi já se preparava para assumir seu cargo de governador em Chipre e, portanto, o afastamento de suas funções entre os acadêmicos era inevitável. Durante o tempo em que ali esteve, o jovem filósofo fez alguns

corte estense; Francesco Patrizi, que trazia consigo a suspeita de heterodoxia que circundava sua família; Ludovico Castelvetro, o célebre expositor da poética aristotélica, que tinha relações com a cultura protestante.” Em relação à “heresia” de Patrizi, à parte sua relação de simpatia com o clima intelectual da Basileia, algumas breves considerações: desde seus primeiros escritos, o filósofo elabora uma linha de pensamento pontilhada de elementos não ortodoxos, embora muito mais contidos no âmbito da filosofia que no da religião. Tal ideia, ele mesmo a explicita numa carta de 1562: “Quanto à fé cristã, creio-me dela ser muito bem provido, e caso fosse forçado a errar, e se me fosse concedido poder escolher entre dois erros, escolheria sempre errar em espírito filosófico e no manual de Epiteto, que podem me tornar bom e contemplativo, do que com o Espírito Santo de Lutero, incapaz de fazer alguém tornar-se bom, e que conduz à perda da saúde” (In Vasoli, 1989, p. 131). De fato, a sua crítica será direcionada à dívida da Igreja para com o pensamento e método aristotélicos, tomando-lhes como sua filosofia oficial. É na tentativa de propor uma nova filosofia que a suplante, mas tudo isto no seio da própria Igreja, que Patrizi vislumbra a possibilidade de “errare”. E este “erro” se dará em 1592, com a publicação de *Nova de universis philosophia* que, cinco anos mais tarde, será condenada pela Congregação do Index.

trabalhos de editoração: preparou e comentou as *Rime* de Luca Contile e o segundo tomo das *Opere* de Giulio Camillo Delminio, cuja *Idea del Teatro*, publicada há menos de dez anos, é um texto fundamental para a compreensão do enciclopedismo proposto pelo círculo de Badoer, além de elucidar alguns pontos da obra patriziana.

O mais importante, porém, é ressaltar a influência deste ambiente e das discussões ali ocorridas na gênese de sua “empresa de toda a eloquência”. A maior parte dos *Dialoghi della historia* se passa em Veneza. A única possível exceção é o décimo diálogo, composto por uma fala de Patrizi, em que se insere um outro diálogo que ele recorda ter ocorrido quando de seu retorno de Cherso, numa noite em que se hospedara em Bologna. Contudo, quanto ao “diálogo” que emoldura este, nada sabemos de seu interlocutor, nem do lugar em que se encontram. Como os outros, é possível que seja em Veneza.

Os protagonistas dos *Dialoghi* são, na maioria, jovens intelectuais, pertencentes ao patriciado, relacionados, direta ou indiretamente, à *Accademia*³². Dos dez interlocutores principais, conseguimos verificar que seis são mencionados em um ou mais documentos relacionados à instituição. Acreditamos que esta seja uma boa amostra, uma vez que os nomes mencionados ou as assinaturas sempre se referem àqueles acadêmicos que tinham uma função definida ou estavam vinculados a alguma atividade editorial. Tendo em vista que o número de frequentadores chegou a alcançar a casa da centena, é muito provável que Patrizi tenha conhecido boa parte de seus interlocutores enquanto também era membro.

O tema central dos *Dialoghi*, assim como a posição intelectual que o elabora, se ajustam perfeitamente às questões propostas pela *Accademia*. Dentro de seu abrangente programa de organização dos vários campos do conhecimento, ganha relevo a questão de se situar e se definir cada disciplina que o compõe, identificando os nexos existentes entre uma e outra e atribuindo-lhe as especificidades que as tornam autônomas dentro do todo. A história, disciplina aqui em questão, trazia para esta reflexão uma questão polêmica. Dentro de uma concepção neoplatônica, em que pesa o reportar-se, ou orientar-se, rumo a uma verdade eterna, transmitida de forma cifrada após a queda do homem, a história, sua compreensão e sua escrita, devem traduzir esta busca pela verdade no campo da experiência humana. Daí o choque com uma concepção de história que se apresenta como exercício retórico, um instrumento de celebração ou de formação moral que o primeiro humanismo estabelecera.

A centralidade do tema da história pode também ser percebida de forma mais direta pela própria proposta avançada pela *Accademia* de ocupar-se da historiografia oficial da *Serenissima*. A instituição de um cargo oficial para os *storici pubblici* se dá em fins do século XV (mais precisamente, 1486), com a aprovação, por parte do Senado, da obra de Marco Antonio Sabellico, a quem sucederam Andrea Navagero e ninguém menos que Pietro Bembo. Em linhas gerais, também se trata de uma historiografia celebrativa, que ainda persistiria em Veneza até por volta da década de 1550, quando Florença, por exemplo, já havia testemunhado as interpretações mais “realistas” de um Maquiavel ou um Guicciardini.

³² O maior exemplo é Leonardo Donà. Ligado, na juventude, à *Accademia*, sob a influência de seu “programa de renovação cultural”, torna-se um dos líderes (juntamente com Badoer, que volta à cena política em 1582) dos *giovani*, um movimento de reforma administrativa que culmina com a sua eleição para o dogado, em 1606. Donà é um dos interlocutores do nono diálogo *della historia*.

O que Gaetano Cozzi (1963-1964, p. 221) afirma sobre Sabellico pode, de certa forma, ser estendido à publicística historiográfica veneziana: a *Signoria* admirava

o estilo áulico, pomposo, maciço, aquele manto literário que revestia os fatos e as personagens; apreciava, sobretudo, sua maneira de modelar a história veneziana como um monumento onde resplandeciam os mitos da glória e da liberdade. Considerava-se que, assim, nesta sua solidez encomiástica, a historiografia [...] correspondesse às atuais exigências da República, acompanhasse sua ação política, estimulasse o orgulho dos venezianos e suscitasse a admiração dos outros povos.

Outro nome ligado à historiografia oficial do período é o de Daniele Barbaro, “desde 1556 patriarca da Aquileia, um patricio que já se havia afirmado por suas atividades político-diplomáticas e por seus estudos de filosofia, eloquência e arquitetura” (Cozzi, 1963-1964, p. 237). Já o mencionamos anteriormente como amigo de juventude de Badoer e intelectual ligado ao núcleo que deu origem à *Accademia Veneziana*. Em 1560, apresentou ao Conselho dos Dez os primeiros capítulos de uma *Storia veneta*, cuja composição muito em breve abandonaria, preferindo dedicar-se a seus escritos de teor religioso. Contudo, alguns elementos indicados pela análise de Cozzi nos fornecem mais um exemplo da mudança que estava se operando no campo da concepção historiográfica em Veneza:

O trabalho não deve ter agradado [ao Conselho]. Antes, apresentava-se com uma impositação mais compacta, mais orgânica, mais incisiva, mais penetrante nos acontecimentos políticos e nos retratos das personagens do que a obra de Bembo. A sua prosa “volgare” era, porém, mais enxuta, rápida, sem indulgências estilísticas e retóricas, e seu tom, franco e frequentemente polêmico. Barbaro atacava [...] duramente Júlio II e Leão X, pondo em relevo a dissimulação deste e a “insaciável vontade de reinar” do primeiro; [...] parecia colocar sobre o mesmo plano o papa e o Turco, como inimigos da tranquilidade veneziana [...] (idem)

Uma análise mais pontual da relação entre o historiador e o poder, e do compromisso que assume com sua obra historiográfica em relação à situação histórica tomada como objeto de sua reflexão, são elementos que subjazem aos *Dialoghi* de Patrizi, ainda que em várias passagens possamos encontrar traços característicos do mito de Veneza, como, por exemplo, o elogio, feito por Nicolò Zeno no sexto diálogo, a suas instituições políticas, que compõem uma junção perfeita das três melhores formas de governo postuladas pelos antigos. Mas, de fato, não é estranha aos *Dialoghi* uma atitude de inconformismo em relação aos métodos humanísticos de abordagem da história, de base aristotélico-ciceroniana, tanto os que se expressam na produção historiográfica do Vêneto quanto os que, teoricamente, haviam sido elaborados em Pádua, há menos de duas décadas, por Sperone Speroni e Francesco Robortello.

Portanto, para o jovem filósofo, a *Accademia* serviu como meio de corroboração de

seu pensamento ainda em formação e nem sempre ortodoxo, e seu ambiente intelectual, um estímulo ao amadurecimento de ideias que irão se perpetuar em seus escritos posteriores. Sua imagem como sucessora das proposições de filiação platônica, legadas pelo círculo intelectual de Ficino, é bastante evidente e sempre salientada por seus estudiosos. Na segunda metade do *Cinquecento*, Patrizi será um dos expoentes deste neoplatonismo³³, afirmando-o em diversos campos do saber, seja nas reflexões sobre a criação poética, lendo Ariosto pela chave da *prisca sapientia*, do poeta invadido pelo furor divino, expressando veladamente uma sabedoria antiga; seja no campo da exegese filosófica, pela polêmica contra Aristóteles em suas *Discussiones peripateticae*; seja na *impresa di tutta l'eloquenza*, em que busca restabelecer o vínculo entre linguagem humana e linguagem divina ou, como às vezes costuma afirmar (seguindo de perto Francesco Giorgio Veneto e Giulio Camillo Delminio), entre o mundo menor e o maior, numa abordagem em que são redefinidas as relações existentes entre filosofia, história e retórica.

Contudo, por trás desta posição filosófica que mais se ressalta, há um outro elemento que não deve ser negligenciado. Com Patrizi, o intelectual neoplatônico não se distancia dos assuntos que envolvem a comunidade política de que faz parte, e neste ponto talvez resida a maior contribuição da *Accademia della Fama* para o pensamento patriziano.

Referências Bibliográficas

BATTISTINI, Andrea & RAIMONDI, Ezio. "Retoriche e poetiche dominanti". In: ROSA, Alberto Asor (ed.). **Letteratura Italiana Einaudi, vol. III – Le forme del testo. Teoria e prosa.** Torino: Einaudi, 1984.

BENZONI, Gino. **Del dialogo, del silenzio e di altro.** Firenze: Leo S. Olschki Editore, 2001.
 _____. **Gli affanni della cultura – Intellettuali e potere nell'Italia della Controriforma e Barocca.** Milano: Giacomo Feltrinelli Editore, 1978.

BOLZONI, Lina. "Il 'Badoaro' di Francesco Patrizi e l'Accademia Veneziana della Fama" In: **Giornale Storico della Letteratura Italiana.** Vol. CLVIII, Anno XCVIII, Fasc. 501. Torino: Loescher Editore, 1981.

_____. "L'Accademia Veneziana: splendore e decadenza di una utopia enciclopédica" In: BOEHM, Laetitia & RAIMONDI, Ezio (ed.). **Università, Accademie e Società scientifiche in Italia e in Germania dal Cinquecento al Settecento. Atti della settimana di studio, 15-20 settembre 1980.** Bologna: Il Mulino, 1981.

_____. "Making Knowledge Visible: The *Accademia Veneziana*" in **The Gallery of Memory – Literary and Iconographic Models in the Age of the Printing Press.** Trad. Jeremy Parzen. Toronto: Toronto University Press, 2001.

_____. **L'universo dei poemi possibili – studi su Francesco Patrizi da Cherso.**

³³ E, de fato, goza deste reconhecimento em sua própria época. Primeiramente, pelos cargos que ocupou em Ferrara e Roma, como professor de filosofia platônica. Além disto, dada sua filiação ao pensamento ficiniano, pôde estabelecer uma relação amistosa também com alguns intelectuais ligados à *Accademia Fiorentina*, de forte matriz platonizante.

Roma: Bulzoni, 1980.

BOUWSMA, William J. **Venice and the Defense of Republican Liberty – Renaissance Values in the Age of the Counter Reformation**. Berkeley: University of California Press, 1984.

COZZI, Gaetano. "Cultura politica e religione nella "pubblica storiografia" veneziana del '500" In: **Bollettino dell'Istituto di Storia della Società e dello Stato Veneziano**. Firenze: Casa Editrice Leo S. Olschki, 1963-1964.

KING, Margaret L. **Venetian Humanism in an Age of Patrician Dominance**. Princeton: Princeton University Press, 1986.

MARTIN, John. **Venice's Hidden Enemies: Italian Heretics in a Renaissance City**. Los Angeles: University of California, 1993.

MAYLENDER, Michele. **Storia delle Accademie d'Italia**. Voll. V. Bologna: 1930.

MORAES, Helvio. "Percorrendo a *Cidade Feliz*: uma leitura da utopia patriziana". **Morus – Utopia e Renascimento**, n° 2. Campinas: Gráfica Central da Unicamp, 2005.

PAGAN, Pietro. "Sulla Accademia "Venetiana" o della "Fama". **Atti dell'Istituto Veneto di Scienze, Lettere ed Arti**, Tomo CXXXII. Venezia: Istituto Veneto di Scienze, Lettere ed Arti, 1974.

PATRIZI, Francesco. "A *Cidade Feliz*" in MORAES, Helvio. "A *Cidade Feliz*: a utopia aristocrática de Francesco Patrizi". **Morus – Utopia e Renascimento**, n° 1. Campinas: Gráfica Central da Unicamp, 2004.

_____. **Della historia dieci dialoghi di M. Francesco Patritio ne' quali si ragiona di tutte le cose appartenenti all'history, & allo scriverla, & all'osservarla**. Venetia, MDLX.

_____. **Lettere ed opuscoli inediti**. ed. Danilo Aguzzi Barbagli. Firenze: Istituto Nazionale di Studi sul Rinascimento, 1975.

RINALDI, Micaela. **Torquato Tasso e Francesco Patrizi – Tra polemiche letterarie e incontri intellettuali**. Ravenna: Longo Editore, 2001.

ROSE, Paul Laurence. "**The Accademia Venetiana – Science and Culture in Renaissance Venice**". *Studi Veneziani*, XI. Firenze: Leo S. Olschki, 1969.

SATUÉ, Enric. **Aldo Manuzio – Editor. Tipógrafo. Livreiro**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

TIRABOSCHI, Girolamo. **Storia della Letteratura Italiana**. Vol. X, Tomo VII. Venezia: Tipografia Molinari, 1823.

VASOLI, Cesare. "Le Accademie fra Cinquecento e Seicento e il loro ruolo nella storia della tradizione enciclopedica" In: **Immagini umanistiche**. Napoli: Morano, 1983.

_____. **Francesco Patrizi da Cherso**. Roma: Bulzoni, 1989.